



Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:  
Saberes e práticas científicas

ISBN 978-85-65957-03-8

## GRAMSCI, REVOLUÇÃO PASSIVA E HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA

THIAGO REIS MARQUES RIBEIRO\*

Muitos são os conceitos e contribuições elaborados pelo militante comunista e pensador social Antonio Gramsci para o trabalho do historiador, especialmente se entendemos historiador em sentido, podemos dizer, *lato*<sup>1</sup>; entre estes, sem dúvida, o conceito de *revolução passiva* é um dos mais relevantes para a pesquisa e para a interpretação histórica, ao lado e articulado com outros conceitos – como o de *Estado integral*, *intelectual*, *bloco histórico*, etc. –, desde que tomado não de forma estática e mecânica, mas sendo constantemente elaborado e enriquecido pela própria apreensão crítica dos fenômenos históricos estudados, portanto, de forma dinâmica e dialética. O conceito de revolução passiva busca, portanto, apreender o *movimento*, o *processo* de transformação das sociedades contemporâneas, a *forma* própria dos diversos casos de *modernização burguesa*, ao invés de ser uma categorização topológica com ênfase sincrônica. O conceito de revolução passiva, além de levantar os problemas associados a *quais mudanças* históricas realizaram-se, também foca no problema de *como* tais mudanças sociais se realizaram e por *quem* – articulando em sua análise *processo histórico* e *luta de classes*, levando adiante o princípio do materialismo histórico de que a história é a história da luta de classes.

O conceito de revolução deve ser entendido inserindo-o no contexto da totalidade do universo conceitual elaborado por Gramsci ao longo dos *Cadernos* e atentando para o processo de *construção* deste conceito no interior de seus escritos carcerários. Portanto, mais que buscar uma *definição* acabada – como uma fórmula ou um verbete –, deve-se tomar a revolução passiva no sentido próprio de um conceito, enquanto *totalidade* e *movimento*. Se, por um lado, é muito enfatizado o caráter parcial e inconcluso dos *Cadernos*, por outro, a sorte que teve esses escritos – sendo publicados da maneira como Gramsci vinha trabalhando na prisão em

---

\* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF) e Bolsista CNPq.

<sup>1</sup> “Se o político é um historiador (não apenas no sentido de que faz a história, mas também no de que, atuando no presente, interpreta o passado), o historiador é um político; e, neste sentido [...], a história é sempre história contemporânea, isto é, política.”. (GRAMSCI, 2011a: 312).



meio ao seu processo de elaboração intelectual, antes de acabamento para a publicação – nos permite ter um ótimo exemplo da dialética *in actu* sendo operado pelo marxista sardo, já que o conceito de revolução passiva (assim como outros) é desenvolvido em um primeiro momento e depois é ampliado e enriquecido com novas determinações, oriundas de suas reflexões acerca de outros problemas da moderna vida social. Em outras palavras: podemos ter um exemplo de como trabalhava um intelectual da importância de Gramsci.

De acordo com a datação elaborada pelo filólogo Gianni Francioni para a edição dos *Cadernos* organizada por Valentino Gerratana – e que é apresentada na edição brasileira organizada por Carlos Nelson Coutinho (GRAMSCI, 2011c: 457 e ss.) – a primeira vez que aparece a expressão *revolução passiva* nos *Cadernos* é no curto §57 do “Caderno 4”, parágrafo este em que Gramsci se refere a *Vincenzo Cuoco* (participante da Revolução Napolitana de 1799 e estudioso da história da península itálica); para Cuoco, os levantes ocorridos na península itálica naquele período teriam sido em decorrência dos efeitos políticos e ideológicos da Revolução Francesa e que, portanto, teriam sido *revoluções passivas*. Já neste momento, Gramsci propõe uma ampliação deste conceito, pois ele a ele parecia “[...] exato não só para a Itália, mas também para os outros países que modernizaram o Estado através de uma série de reformas ou de guerras nacionais, sem passar pela revolução política de tipo radical-jacobino” (GRAMSCI, 2011b: 209-210), ou seja, em um processo de violenta ruptura e com a mobilização hegemônica sobre as classe subalternas.

Gramsci retorna a um escrito anterior, o §150 do “Caderno 1”, intitulado *A concepção do Estado segundo a produtividade (função) das classes sociais*, e realiza uma adição ao texto preexistente. Neste parágrafo, Gramsci tenta dar conta do processo de formação dos modernos Estados em relação com as classes fundamentais (*i. e.*, a burguesia capitalista e o proletariado moderno). Em certos casos, este Estado “só é concebível como forma concreta de um mundo econômico, um determinado sistema de produção”, quando “[c]onquista do poder e afirmação de um mundo produtivo são indissociáveis”; ocorrendo esta coincidência, ter-se-ia uma origem unitária da classe dominante, “a qual é econômica e política ao mesmo tempo” (GRAMSCI, 2011c: 349-350). Porém, existiam outros casos em que a nova formação estatal é “reflexo do desenvolvimento internacional que envia para a periferia suas correntes ideológicas nascidas com base no desenvolvimento produtivo dos países mais evoluídos”, não



Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:  
Saberes e práticas científicas  
ISBN 978-85-65957-03-8

3

sendo firmemente articulado a um desenvolvimento econômico local; nestes casos “a classe portadora das novas ideias é a classe dos intelectuais” – a concepção de Estado muda em favor de uma “coisa em si”, “um absoluto racional” na consciência destes intelectuais.

*[...] sendo o Estado a moldura concreta de um mundo produtivo e sendo os intelectuais o elemento social que melhor se identifica com o pessoal de governo, é próprio da função dos intelectuais pôr o Estado como um absoluto: desse modo, é concebida como absoluta a sua função histórica, é racionalizada sua existência. Este motivo é fundamental para o idealismo filosófico e está ligado à formação dos Estados modernos na Europa como “reação – superação nacional” da Revolução Francesa e do napoleonismo (revolução passiva). (Ibid., p. 350)*

O termo “revolução passiva” entre parênteses foi, de acordo com a edição brasileira dos *Cadernos* que estamos usando, posteriormente adicionado, muito provavelmente depois da escrita do parágrafo supracitado sobre Cuoco e a revolução passiva.<sup>2</sup> Portanto, o conceito de revolução passiva, com esta adição, daria conta dos processos em que o moderno Estado burguês foi construído, não pelo protagonismo da moderna burguesia, a classe dominante fundamental do ponto de vista da produção capitalista, mas por obra de camadas intelectuais portadoras das novas concepções de mundo legados pelos países onde a produção capitalista está mais desenvolvida – sendo, porém, a concepção de mundo destes intelectuais tendentes a uma idealismo filosófico pelo seu próprio papel na construção destes Estados. Porém, o que queremos destacar aqui é que um elemento fundamental para entender o conceito de revolução passiva como elaborado por Gramsci é a *Revolução Francesa* (uma revolução, podemos dizer, *ativa*) e seus efeitos sobre a “reação-superação nacional” em outros países da Europa. Em nosso entender, já aqui aparece uma certa dimensão *periodizante e interpretativa* no conceito de revolução passiva, já que a era que se abre com a Revolução Francesa precede e, de forma mediada, determina as posteriores revoluções passivas na Europa – entendidas enquanto formação dos modernos Estados burgueses.

No parágrafo logo posterior (§151 do “Caderno 1”), Gramsci levanta a questão se o “modelo”

---

<sup>2</sup> No §44 do “Caderno 1” (não traduzido na edição brasileira), retomado posteriormente no “Caderno 19” como texto C, também consta a adição do termo revolução passiva posteriormente à sua primeira redação, de acordo com BIANCHI (2008).



Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:  
Saberes e práticas científicas  
ISBN 978-85-65957-03-8

4

conformado pelo processo iniciado com a Revolução Francesa<sup>3</sup> poderia repetir-se em outros processos históricos; porém, neste momento inicial (lembrando que este parágrafo foi escrito antes da adição do termo “revolução passiva” no §150), Gramsci acredita que isto “[...] deve ser excluído pelo menos quanto à amplitude e quanto aos grandes Estados”; porém, ressalta a importância desta questão, “[...] já que o modelo França–Europa criou uma mentalidade” (GRAMSCI, 2011c: 351). Em nosso entendimento, o Autor altera a sua concepção inicial de acordo com o desenvolvimento de seu trabalho intelectual no cárcere, o que pode se perceber a partir de passagens escritas posteriormente. Assim, Gramsci ampliará ainda mais o conceito de revolução passiva para dar conta de fenômenos para ele contemporâneos.

Quando reescreve este §151 do “Caderno 1” como texto C, podemos já perceber algumas diferenças importantes:

*Esse “modelo” da formação dos Estados modernos pode se repetir em outras condições? Isso deve ser excluído em sentido absoluto, ou é possível dizer que, pelo menos em parte, podem ocorrer desenvolvimentos similares, sob a forma do advento de economias programáticas? Pode-se excluir isso para todos os Estados ou só para os grandes? A questão é de suma importância, já que o modelo França-Europa criou uma mentalidade que, por ser “envergonhada de si mesma” ou por ser um “instrumento de governo”, nem por isso é menos significativa. (GRAMSCI, 2011a: 426)*

Destacamos, aqui, duas diferenças: a ampliação do “modelo” França-Europa já não é mais excluído para outros casos históricos e é colocada a questão do “advento de economias programáticas” como problema a ser tratado enquanto revolução passiva. Porém, em quais casos além da história europeia do séc. XIX o conceito de revolução passiva poderia ser usado como critério de interpretação histórica e o que seria significaria o advento das “economias programáticas”?

Em outra passagem, em que faz alguns apontamentos para um ensaio crítico sobre Benedetto

---

<sup>3</sup> “1<sup>o</sup>) Explosão revolucionária na França; 2<sup>o</sup>) Oposição europeia à Revolução Francesa e à sua expansão pelos “canais” de classe; 3<sup>o</sup>) Guerras revolucionárias da França, com a República e com Napoleão, e constituição de uma hegemonia francesa com tendência a um Estado universal; 4<sup>o</sup>) Insurreições nacionais contra a hegemonia francesa e nascimento dos Estados modernos europeus mediante ondas sucessivas, mas não mediante explosões revolucionárias como a francesa original. As “ondas sucessivas” se dão por uma combinação de lutas sociais de classe e de guerras nacionais, com predominância destas últimas”. (GRAMSCI, 2011c: 351)



Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:  
Saberes e práticas científicas  
ISBN 978-85-65957-03-8

5

Croce, Gramsci busca elementos para interpretar a postura intelectual de certos autores contemporâneos em relação ao contexto geral do início do século XX levantando a seguinte questão:

*Estamos num período de “restauração-revolução”<sup>4</sup> a instituir permanentemente, a organizar ideologicamente, a exaltar liricamente? A Itália teria com a URSS a mesma relação que a Alemanha (e a Europa) de Kant-Hegel teriam com a França de Robespierre-Napoleão? (Ibid.: 281)*

Em outra passagem, em que trata do corporativismo e do fascismo, lê-se o seguinte:

*[...] ter-se-ia uma revolução passiva no fato de que, por intermédio da intervenção legislativa do Estado e através da organização corporativa, teriam sido introduzidas na estrutura econômica do país modificações mais ou menos profundas para acentuar o elemento “plano de produção”, isto é, teria sido acentuada a socialização e cooperação da produção sem com isso tocar (ou limitando-se apenas a regular e controlar) a apropriação individual e grupal do lucro. No quadro concreto das relações sociais italianas, esta pode ter sido a única solução para desenvolver as forças produtivas da indústria sob a direção das classes dirigentes tradicionais, em concorrência com as mais avançadas formações industriais de países que monopolizam as matérias-primas e acumularam gigantescos capitais. (Ibid., p. 299)*

E, por fim, ao tratar do que seria o programa econômico desta nova vaga de revolução passiva, diz que este

*[...] serviria como elemento de uma “guerra de posição” no campo econômico (a livre concorrência e a livre troca corresponderiam à guerra de movimento) internacional, assim como a “revolução passiva” é este elemento no campo político. Na Europa de 1789 a 1870, houve uma guerra de movimento (política) na Revolução Francesa e uma longa guerra de posição de 1815 a 1870; na época atual, a guerra de movimento ocorreu politicamente de março de 1917 a março de 1921, sendo seguida por uma guerra de posição cujo representante, além de prático (para a Itália), ideológico (para a Europa), é o fascismo. (Ibid., pp. 299-300)*

A partir desses exemplos, fica claro que Gramsci pretender estender o conceito de revolução passiva como critério para interpretar, além do período da Restauração europeia no séc. XIX,

---

<sup>4</sup> Em outra passagem, Gramsci aproxima o conceito de revolução passiva ao termo “revolução-restauração”, cunhado por Edgar Quinet que, segundo o Autor, seria a tradução francesa da revolução passiva.



também a vaga histórica que se abre com a *Revolução Russa de 1917*. Assim como as revoluções passivas do séc. XIX tinham como objetivo operar o processo de formação do moderno Estado burguês contendo de todas as formas uma mobilização ativa das classes subalternas, as mudanças pela quais vinha passando os Estados capitalistas após a Primeira Guerra Mundial, especialmente com a ampliação das lutas operárias e a elevação da importância da questão sindical, tinham como objetivo superar o fase crítica pela qual passava a sociedade capitalista de então evitando uma ativa participação das massas – o que poderia redundar, como na Rússia, na superação do próprio capitalismo e na derrubada das velhas classes dominantes. Portanto, trata-se de ampliação do conceito de revolução passiva para dar conta também dos fenômenos históricos próprios do século XX, mais especificamente, após a Primeira Guerra e a Revolução Russa. Uma *revolução ativa*, portanto, precederia as vagas de revoluções passivas.

O que Gramsci chama de “economias programáticas”, como se percebe dessas passagens, refere-se ao conteúdo das mudanças pelas quais vinham passando os Estados capitalista de então no sentido de desenvolver as suas *funções econômicas*, através da criação de uma série de agências estatais voltadas para o que se costuma chamar de “intervenção na economia”; *i. e.*, trata-se da complexificação do aparelho econômico do Estado capitalista afim com o período do abandono da ortodoxia do *laissez faire* e da consolidação do capitalismo monopolista e imperialista. Este ponto se articula com o anterior pois, como se sabe, a experiência histórica mais expressiva de planejamento econômico e de direção estatal sobre a economia se deu exatamente na construção da economia socialista na URSS; portanto, dada a conjuntura crítica pela qual passava o capitalismo e os sucessos quantitativos dos primeiros planos quinquenais, a experiência soviética exerceu influência sobre as transformações nos próprios Estados capitalista no sentido do planejamento, conservando, obviamente, o cerne da produção capitalista que é a produção voltada para o lucro.

Cabe destacar também a periodização proposta por Gramsci. Se a Revolução Francesa representa a fase ativa, a *guerra de movimento*, a fase seguinte (1815-1870) corresponde a uma longa *guerra de posição*, de revoluções passivas. No século XX, a fase ativa, como ele próprio escreve, a guerra de movimento “ocorreu politicamente de março de 1917 a março de 1921, sendo seguida por uma guerra de posição”. Como se percebe, trata-se de uma



Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:  
Saberes e práticas científicas  
ISBN 978-85-65957-03-8

7

periodização em que o elemento determinante, ativo é exatamente a luta de classes e sua expressão internacional.

A importância da periodização para Gramsci, enquanto baseada em critérios interpretativos oriundos da dinâmica da luta de classes, se patenteia quando se põe a tarefa de criticar a concepção de história de Benedetto Croce. De acordo com Gramsci, as revoluções passivas e seu imperativo de bloquear qualquer protagonismo popular e qualquer transformação radical, formariam gerações de intelectuais cujas concepções resultam em legitimação da via passiva de mudança histórica, ou seja, tomariam a revolução passiva como programa. Neste sentido, Croce seria um desses intelectuais e tal concepção reformista se refletiria na sua concepção de história e na sua periodização.

Tomando como exemplo os ensaios históricos de Croce *Storia dell'Europa nel secolo XIX* e *Storia d'Italia dal 1871 al 1915*, Gramsci mostra como, “por acaso” ou por uma “razão tendenciosa”, Croce simplesmente exclui de suas reflexões os momentos mais ativos e violentos do processo de transformação social, como no caso da obra de Croce sobre a história da Europa, resultando este livro em mero

*[...] fragmento de história, o aspecto 'passivo' da grande revolução que se iniciou na França em 1789, espalhou-se pelo resto da Europa com os exércitos republicanos e napoleônicos, sacudindo poderosamente os velhos regimes e determinando não a sua derrocada imediata, como na França, mas a corrosão 'reformista' que durou até 1870. (Ibid., p. 298)*

Portanto, Croce seria um dos representantes do que poderíamos chamar de “historiografia da revolução passiva”, patenteando-se esta sua preocupação em processo lentos e graduais de mudança na sua concepção de história e, como vimos, na sua periodização. Em outras passagens, Gramsci discorre criticamente daquilo que Croce chama de “história ético-política”, apesar de reconhecer a importância de certos aspectos ético-políticos na interpretação histórica enquanto totalidade.

Dados os limites deste trabalho, não poderemos tratar com mais detalhes das críticas de Gramsci à concepção de história de Croce nem de outras passagens de grande importância para o entendimento do conceito de revolução passiva – como os escritos sobre o *Risorgimento* e sobre o *Americanismo e fordismo*. No que diz respeito a este último tema, são



Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:  
Saberes e práticas científicas  
ISBN 978-85-65957-03-8

8

escritos de fundamental importância para entender as transformações econômicas pela qual vinham passando as modernas sociedades capitalistas e, conseqüentemente, de seus Estados, e a sua relação com a revolução passiva do século XX. Gramsci aborda os aspectos políticos e sociais do próprio fenômeno de crescimento econômico acelerado via forte função estatal, exatamente no que diz respeito às necessidades de *contenção* das massas populares frente a um contexto em que uma série de questões sociais e trabalhistas não podem mais ser ignoradas. É importante aqui notar a perspicácia de Gramsci, pois apenas após a Segunda Guerra Mundial assiste-se a proliferação mais intensa de instrumentos estatais de promoção do crescimento econômico acelerado via planejamento e de criação de uma série serviços públicos próprios do *Welfare State* – obviamente, estes últimos restritos à população dos países capitalistas centrais.

Para concluir, destacamos que com este breve trabalho buscamos apenas ressaltar o conceito de revolução passiva como importante instrumento para o historiador, seja enquanto interpretação, seja como periodização, seja como participante do processo histórico; portanto, o critério básico de interpretação histórica e de periodização consiste exatamente na *luta de classes* e na sua expressão internacional – seja na Revolução Francesa, seja na Revolução Russa. Porém, pretendemos aqui apenas levantar o debate, sendo necessário o seu aprofundamento e a realização de mais pesquisas – especialmente sobre a construção do socialismo soviético e de seu modelo econômico.

Uma última questão: estando certa a hipótese de que, para Gramsci, a uma vaga de revoluções passivas precede um processo revolucionário ativo, podemos falar de alguma revolução passiva hoje em curso?

### Referências bibliográficas

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere. Volume 1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011a.

\_\_\_\_\_. *Cadernos do Cárcere, volume 5: O Risorgimento*. Notas sobre a história da Itália. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011b.

\_\_\_\_\_. *Cadernos do cárcere, volume 6: Literatura. Folclore. Gramática. Apêndices:variantes e índices*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011c.



9

BIANCHI, Alvaro. *O laboratório de Gramsci*. São Paulo: Alameda, 2008.